



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA



O fidalgo rico e o pastor pobre



Por LUIZ FIGUEIREDO CORREIA PINTO

Desenhos de A. CASTAÑÉ



UMA formosa vila da Beira Alta existiu, há anos, uma família descendente da mais alta nobreza da Beira.

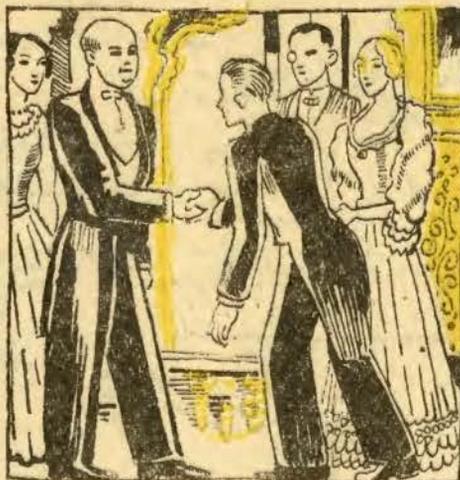
Viviam num rico solar antigo, onde nada faltava, rodeado de belos jardins com repuxos de água e cscatas, pomares de excelentes e saborosos frutos, além de grandes avenidas, pois a quinta media alguns quilómetros de extensão. A pequena distância do solar, uma vasta alameda, onde os seus proprietários iam passar as tardes, nos dias quentes de verão. Tinham uma bela carruagem e um automóvel para os seus diversos passeios, quasi diários, durante os curtos meses que ali permaneciam, porque passavam o inverno no seu belo palacete numa das avenidas de Lisboa. O chefe dessa família era formado em direito e vivia, da sua grande fortuna, com sua esposa e duas filhas.

Certo dia em que fazia 18 anos sua filha mais nova, dotada de rara beleza, foram convidados para um jantar e um baile as mais distintas famílias daquela região. Decorreu o esplêndido banquete, com a maior animação. Não faltaram os melhores e mais raros peixes, perús, «foie-gras», galantines, finíssimos doces e as melhores bebidas. Muita

animação, ótímo apetite e entusiásticos brindes.

A's dez horas da noite, principiou o baile ao som harmonioso duma orquestra. Eram numerosos os convidados, e não havia memória de um baile tão concorrido e animado naquela região da Beira.

No meio da grande festa, porém, notava-se a tristeza do dono da casa a quem uma pertinaz doença minava, dia a dia, a sua existência e que muito o



atormentava. Faltava-lhe o apetite. Ao jantar apenas se serviu duma canja de galinha, um pires de doce e um copo de água. Todavia, como era dotado de uma extrema delicadeza e fina educação,

enfim, um fidalgo de linha, apresentava grande animação para animar os convivas, motivo porque o baile ultrapassou os limites do entusiasmo, terminando quando já era manhã com imensa saudade de todos os convidados.

No mesmo dia, o pobre pastor, João Pinhoeiro, que residia há muitos anos com sua mulher, Rita Airosa, numa cabana térrea, entre dois carvalhos seculares, semelhante ás dos tempos primitivos, nas faldas do grande monte do Soito de Porcos, saía com o seu rebanho de ovelhas, cajado na mão, cobertor às costas, tocando numa flauta, alegremente, a «Córadinha olé ó linda», o «Vira do Minho», as «Cárvoeiras», o «S. João», etc., etc., músicas que as suas ovelhas já não podiam dispensar, tão habituadas estavam a escutá-las. Assim decorreu o dia, até que, ao anoitecer, se retirou com o inseparável rebanho e o «Mondego», seu fiel companheiro, o cão de guarda das suas ovelhas. Ao chegar à cabana, sua mulher, a Rita Airosa, que o esperava com ansiedade, logo exclamou:—Estavas-te demorando, pelo que eu me encontrava já bastante inquieta! Não sabes que os lobos andam acésos por aí?!

—Valha-te Deus, minha adorada Rita,

olha que eu não deixava os lóbos roubar as nossas lindas ovelhas, sem que me matassem primeiro! Se elles me comessem a Joanita, a Vitória ou a Berlinda, que nos deram cada uma dois borregos e dão, a cada ordenha meio quartilho de leite, eu até endoidecia de pena! Nem pensar nisso é bom! Dá cá a panela grande para as ordenhar a todas, que, amanhã, deves fazer um grande queijo, pois elas hoje comeram à farta no pasto.

Acabada a ordenha, que encheu a panela de leite, foram ambos comer, cada qual sua tijela de caldo de couves, e duas sardinhas assadas que os consolou!

Logo após a parca refeição, exclamou, contente, o Pinhoeiro à sua Rita Airosa:— Olha, ó Rita, eu cá agora toco a «Coradinha, olé ó linda» e tu cantas, sim?

— Sempre estás um doido! Não vens farto de música todo o dia?—volveu-lhe a mulher.

— Hoje é por ser o dia dos anos da

menina mais nova do fidalgo da nossa freguesia.

Então, a boa Rita acedeu ao pedido, e cantou com toda a força, a «Coradinha, olé ó linda», o «Vira do Minho» e as «Carvoeiras», ao toque da flauta que o Pinhoeiro tocava a primôr.

Assim viveu longo tempo este simpático casal sem nunca saír dali, a não ser às feiras de Lourosa, Midões ou Oliveira do Hospital, onde iam vender os queijos e comprar sardinhas, único peixe que conheciam. Deitaram-se nas palhas com o cobertor por cima, pois nunca tiveram um colchão e dormiram muito satisfeitos e felizes, só acordando de manhã, ao som dos foguetes e morteiros que deitaram ao terminar o grande baile do fidalgo.

Digam-me agora, meus meninos, qual era mais feliz, o fidalgo rico ou o pastor pobre?!



A NOSSA CONSTRUÇÃO DE HOJE

«PIM PAM PUM» apresenta hoje aos seus pequenos leitores, um carro de corrida que, pela simplicidade da sua construção, qualquer poderá fazer executar sem a menor dificuldade.

Temos porém a notar que, para complemento da construção, falta uma outra parte a qual publicaremos no próximo número.

MÃOS A OBRA...

- 1.º— Colar o desenho em cartolina.
- 2.º— Recortar com cuidado, dobrar e colar conforme as letras.
- 3.º— Enrolar as tiras C, D, E, F, ás rodas, (fig. R).

4.º— Abrir os lugares para os automobilistas, tendo o cuidado de deixar as tiras A e B para as fig. L e M (fig. Q).

5.º— Descer a parte onde se coloca o volante (I) e colocar este espetado com um alfinete, (fig. Q).

6.º— Juntar a fig. L e M com M, tendo o cuidado de deixar os braços livres á fig. L, a-fim-de que elle possa segurar o volante, (fig. Q).

7.º— Colocar o pára-brise G sobre a letras G.

8.º— Cortar uma tira de arame com 0, 05 e colocá-lo como (pára-chóques) no lugar (I), enrolando-se em ambas as ex-

tremidades uma tirinha de papel colado, (fig. H).

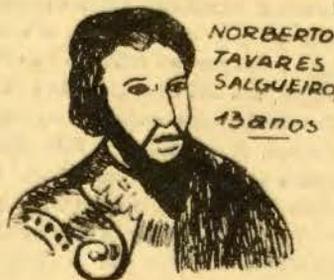
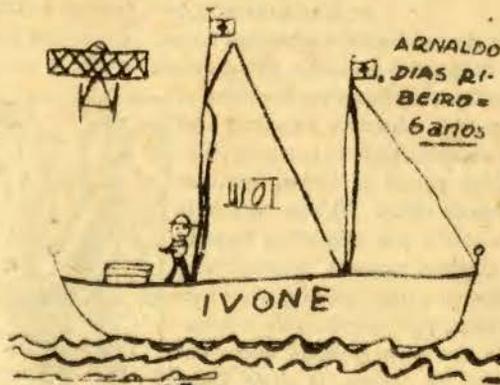
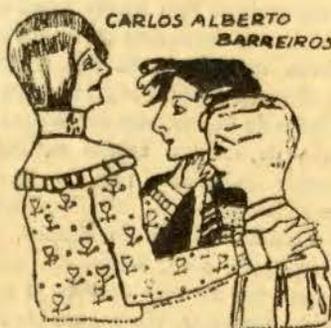
9.º— Cortar uma tira de arame com 0, 07, o qual servirá de eixo para traz e colocar as rodas, fazendo, em ambas as extremidades, como a fig. H indica.

10.º— Cortar uma tira de arame com 0, 08, colocá-lo á frente, enrolar em ambos os lados umas tiras de papel, enfiar as rodas e proceder, depois, como a fig. H, o que evita as rodas saltarem fóra.

E nada mais. Está pronto o carro com que os nossos leitores poderão bater-se no Campo Grande (mesa) com os aões do Sport.

Cuidado com as grandes velocidades.

COLABORAÇÃO INFANTIL





■ Por MARIA DO ROSARIO ■

Um cão, um certo dia,
perseguiu
um ratinho
que, coitadinho,
com medo,
por ser mais fraco,
só procurava um buraco
para nêle se acolher.

Não o vendo, o pobre rato
pôs-se a correr, a correr
para uma grande floresta,
no intento de se esconder
na fresta
de qualquer árvore antiga,
que amiga
lhe fôsse nessa aflicção;
que o salvasse,
o livrasse
dos olhos finos do cão.

Mas acordou, com sua correria,
um lobo que vivia
na floresta
e, nessa ocasião,
dormia, manso, a sesta.

O lobo, mal o viu,
pôs-se logo a pular
com louca satisfação:
— Já tinha
com que jantar!...
Subitamente, então,
quando se ia a lançar
sôbre o ratinho
e o cão,
baixou dos céus um lindo passarinho!
Um passarinho a cantar,
a gorgear
com uma graça infinda,
uma canção tão linda,
tão cheia de emoção,
tão doce, tão suave,
que o rato, o lobo e o cão
ouvindo a ave,
esquecidos, enfim, do ódio seu,
se ficaram, a ouvi-la, extasiados,
absórtos nos trinados
da avesinha do Céu.

.....
E assim baixou, do céu, num passari-
nho,
a paz ao lobo, ao cão e ao mísero ra-
tinho!



O NOVO-RICO

(Adaptação)

Impante e vaidoso,
Zé Miguel Paço,
ia presunçoso
a casa da Avó.

Era um novo-rico...
Dantes nada tinha!
Hoje para o bico
tem boa papinha.

Quem o vê a pôr
aneis e charuto,
diz logo: — «é doutor!»
Mas por dentro: — um bruto.

Calculem que, um dia,
este Zé Miguel,
com a avó e a tia,
foi para um hotel

Com modos trombudos,
pediu um jantar;
e deu mil escudos
para tal pagar.

Após bem jantado,
puxou dum «havano»,
cuspiu para o lado,
com ar muito ufano.

O criado, então,
trouxe o escarrador
e foi pô-lo à mão
do estranho senhor.

De novo voltou-se,
cuspiu para o chão.
O moço virou-se,
pôs-lho mais à mão.

Sem gostar da graça,
e ao vê-lo na frente,
com ar de ameaça,
diz severamente:

— «Essa coisa, tonto,
tira já daqui;
se não tiras... pronto,
cuspo mesmo aqui!»

MENINAS E MENINOS

Atenção!

Gostais de cinematografo? Com certeza que **sim**.
Quereis ir durante uma semana **inteira** a vários cinemas de
Lisboa?

E gostariéis de ir de automovel, de ter lindos brinquedos, uma
bonita fotografia, uma excelente caneta de tinta permanente — uma
grande caixa de bombons?

Com certeza que **sim**.

E' fácil: tratai de lêr o «Cinéfilo» e de concorrer ao concurso:

«Qual o artista preferido das crianças?»

a que teréis apenas que responder dizendo qual é a actriz ou o actor
de cinema de que mais gostais? Charlot, Pamplinas, Harold, Tom
Mix, Jackie Cooper, Anny Ondra.

Dizei para «Cinéfilo» a **vossa opinião**.

ELVIRO AUGUSTO ROCHA GOMES

AS Lágrimas da avózinha

Por LEONARDO CARDOSO JUNIOR

Desenhos de ADOLFO CASTAÑÉ



NA luxuosa sala dum opulento comerciante, o relógio acabava de soar três horas.

— «Três horas já e o avôzinho sem vir!» exclamou uma formosa menina de treze primaveras apenas. Chamava-se Gilda e era filha única do rico comerciante.

Na sala artisticamente decorada, ao som harmonioso duma grafonola, reinava imensa alegria. Gilda completava treze anos. Sentada num elegante sofá, contemplava, enleada, as suas inúmeras prendas mas os seus olhitos, vivos, fixavam, mais demoramente, o lindo colar que lhe oferecera a mãezinha.

— «Que lindo éle é, madrinha! E que pena esta festa ser uma só vez por ano!» disse, finalmente, Gilda que tinha o grande defeito, frequente em muitas meninas, de ser excessivamente vaidosa. «Mas a madrinha, — (continuou ela) — dar-me-há, pelo aniversário do Papá, outro presente igualmente bonito, não é verdade?»

— «Pois quê?!... Ainda não estás contente com as prendas que tens diante dos olhos?!»



— «Estou, sim, madrinha: mas... (e Gilda, cortando a frase, logo exclamou:) — aí vem o avôzinho!... Aí vem!... Que me dará éle?!»

Efectivamente, um respeitavel ancião acabava



de dar entrada na sala, trazendo, numa das mãos, um pequenino embrulho.

Gilda correu para o simpático velho e, após beijá-lo, apoderou-se do embrulho, abrindo-o sofredamente.

— «Ah!...» exclamou surpresa. Um lindo anel com brilhantes, cintilava no veludo do estôjo. Tirando-o do encaixe, colocou-o, então, no delgado dedito.

— «Que bem me fica, mamã! (volveu, radiante, a orgulhosa, menina). Que bonito!»

Em silêncio e intimamente feliz, o avôzinho gosava o contentamento de Gilda.

Após o jantar, à tardinha, seguida pelo avô, correu para o jardim. Sentada, agora, à sombra duma acácia, Gilda, deparando uma andrajosa criança que passava perto, gritou com entusiasmo: — «Judth, Judith, vem ver o que me deu o avôzinho!» e estendeu a pequenina mão, mostrando, no dedinho esguio, o formoso anel de brilhantes.

— «Que lindo!» — (retorquiu a criança pobre, aproximando-se dela) — hei-de pedir à minha avó que me dê um igual!»

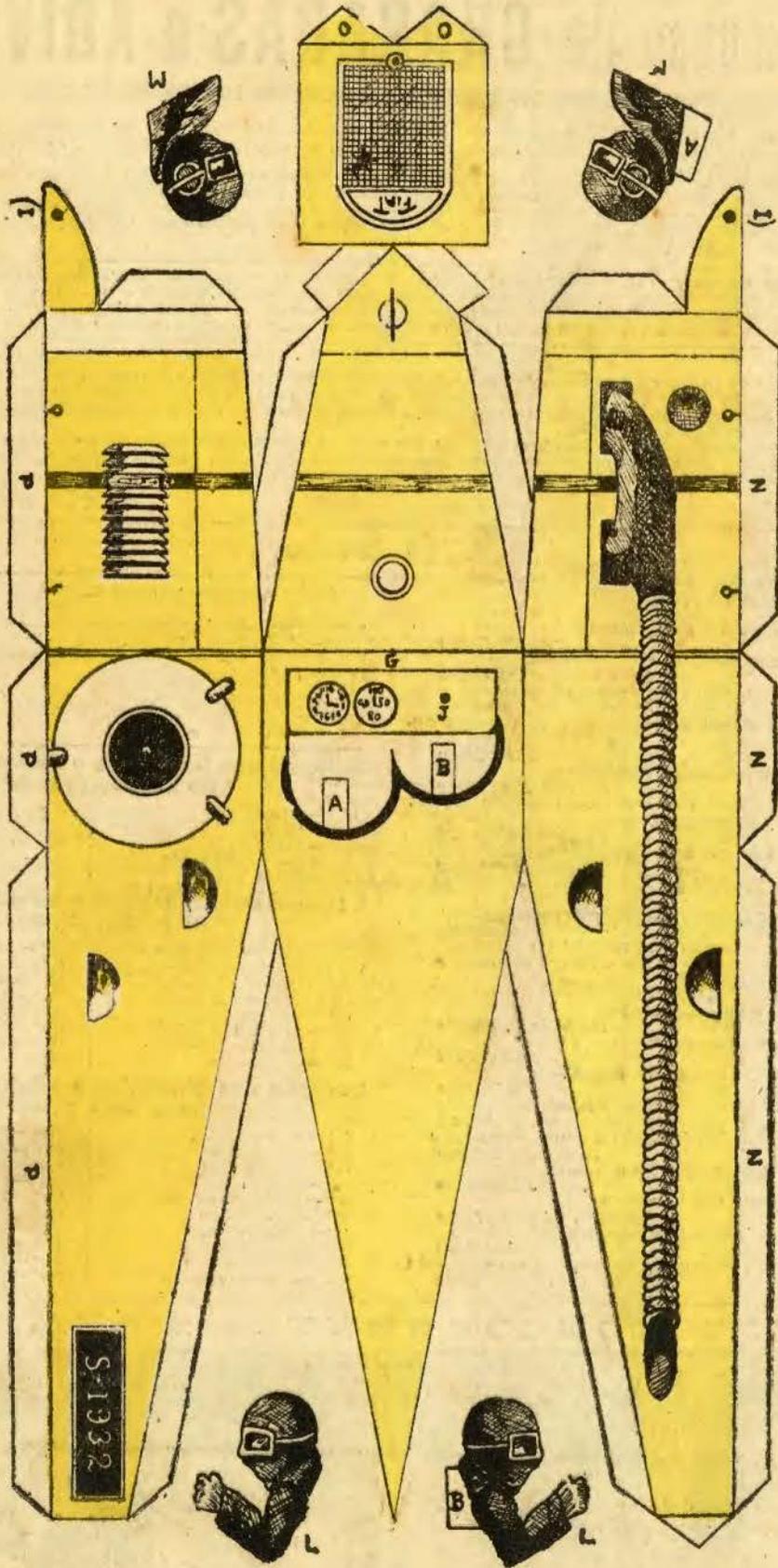
Gilda soltou uma gargalhada.

— «Tu?!... Um anel de brilhantes! Ah, ah, talvez quizesse!... A tua avó é pobre... Só o meu avô ou as pessoas ricas, podem oferecer presentes deste valôr.» E um desdenhoso sorriso aflorou em

(Continua na pagina 7)

PAM-PAM-PAM de CORRIDA

PAM-PAM-PAM
Suplemento Infantil do "Seculo"



PERO
NUNCA
XXII

1º CONCURSO de CHARADAS e ADIVINHAS

Premiados nas séries III a VII — (com um lindo livro) — *Abelha-Mestra, Um de Marmeleto, J. B. Campina J.ºº — Com uma construção de armar — Rei da Italia, Vencedor, Manuela V. Sereno, Helios, Brincalhão, Perdígota de Entre-Campos, Et-Rei Gomos V, Zeca, Ego, H. Moniz.*

Premiados na série IV a VIII — (Com um lindo livro) — *Ego, Maria de Lourdes, Bé. — (Com uma construção de armar) — Et-Magro, Ricardito, Um obidense, Um de Marmeleto, Armando Saturnino, Texas-Jack, Presbitero, Lunamy, Fakir, Caça e Nico.*

Por insuficiência de morada, encontram-se nesta redacção à disposição dos contemplados os prémios de **EL-GORDO, N. JOYCE, PIORRA e M. VERDE.**

Vencedores da Série V a IX — *Abelha-Mestra, Armando Saturnino, Bé, Banantz, Cochicho, Don Fate, Et-Magrita, Et-Magro, Edith Mary, Fakir, Helios, H. Moniz, Isabel Maria, Ledo as Selvas, Manecas de St.º Amaro, Manhêta V. Sereno, Nôças, N. Joyce, Perdígota de Entre-Campos, Pica-Pau, Texas-Jack, Um de Marmeleto, Um obidense, Zeca.*

Entre os quais serão sorteados 8 livros de contos e 10 construções de armar «O Avião Junkers» oferta de Tiotónio.

Meus amiguinhos

Na impossibilidade de publicar as centenas de nomes dos concorrentes com direito a figurar no quadro de honra, que occupam agora, mais de meia página do Pim-Pam-Pum e prevendo o interesse sempre crescente que este concurso tem despertado, o que daria origem a um aumento proporcional do Quadro de Honra, de hoje em diante só figurarão os nomes dos decifradores dos grupos de 5 séries com direito ao sortelo.

Estou certo que esta nova orientação será bem recebida por todos os nossos concorrentes, que embora seja alterar um pouco as bases do concurso, é a unica forma de evitar que na página que me é destinada, venha em breve apenas um enorme quadro de honra, com os nomes dos eximios charadistas que são todos os «sobrinhos» do

Velho amigo
TIO TÓNIO

XII Série

CHARADAS AUMENTATIVAS

- 1.ª — O projectil attingiu o aerostato — 2
Aguia Negra
- 2.ª — E' mulher ou homem? — 3
Presbitero
- 3.ª — Deve ter um peñacho toda a pessoa batizada — 2
Ber-Latino
- 4.ª — Na prega da minha sala encontrei uma moeda antiga — 2
Edith Mary
- 5.ª — Perdi de vista esta cidade portuguesa — 2
Fidalgo dos Santos
- 6.ª — Antes de realisares este acto solene deixa-me encarregar-te desta incumbencia — 2
Jobista J.ºº
- 7.ª — Não é aquele pé que cabe no tamanco rustico — 3
Detective Amador

CHARADAS ELECTRICAS

- 8.ª — E' preciso que trabalhes nesta terra portuguesa — 3
H. Moniz
- 9.ª — Este reino da natureza está novinho em folha — 3
Fidalgo dos Santos

CHARADAS SINCOPADAS

- 10.ª — Esta mulher é minha irmã — 3-2
Natercia D. Duarte
- 11.ª — Este homem é sincero — 3-2
Eu aqui sei
- 12.ª — Aquele rapazito adora este animal — 3-2
Lindinha
- 13.ª — Este jornal tem uma estampilha — 3-2
D. Quixote I
- 14.ª — Se me dão autorisação ponho a minha capa — 3-2
Mouriscas-Correteo
- 15.ª — E' bem diferente o tagarela do caiado — 3-2
Pirotecnico
- 16.ª — Este homem não tem o anel — 3-2
Joaquim C. Pinha Fatinha
- 17.ª — Esta substancia encontra-se na mulher — 3-3
Rei Roca
- 18.ª — Curioso veneno este que é extraído de um pedra — 3-2
Vinalpatazera

19.ª — O papalvo não tem entrada neste palacio — 3-2
José Dourado de Oliveira

As decifrações, nas condições do Concurso, devem estar em nosso poder até às 6 horas da tarde do dia 12 de Novembro (sábado)

TIO TÓNIO
Rua do Seculo, 43
L I S B O A

Solução das Charadas e Advinhas publicadas no n.º 350 (VIII Série)

- | | |
|-----------------------|-----------------------------|
| 1.ª — Dono | 6.ª — Cercado-cerda |
| 2.ª — Canadá | 7.ª — Acaso |
| 3.ª — Dialogo | 8.ª — Carta |
| 4.ª — Contador-coador | 9.ª — Caminha |
| 5.ª — Chibata-chita | 10.ª — Cavado-cavalo-cavala |

Solução das Charadas e Advinhas publicadas no n.º 351 (IX Série)

- | | |
|--|-------------------------|
| 1.ª — Violino (tem uma palavra errada) | 8.ª — Borracha |
| 2.ª — Queluz | 9.ª — Mariola |
| 3.ª — Pardoca | 10.ª — Saralva |
| 4.ª — Lapuz | 11.ª — Gotovia |
| 5.ª — Amadeu | 12.ª — Quelmadura |
| 6.ª — Resumo | 13.ª — Caramelo |
| 7.ª — Calista | 14.ª — Viana do Castelo |
| | 15.ª — Casaca |

Solução das Charadas e Advinhas publicadas no n.º 352 (X Série)

- | | |
|------------------------|-----------------------|
| 1.ª — Gaivota-gaita | 11.ª — Pupilo-pulo |
| 2.ª — Officio-ocio | 12.ª — Pateta-pata |
| 3.ª — Ovelha-olha | 13.ª — Pequena-pena |
| 4.ª — Ligação-llação | 14.ª — Camela-cala |
| 5.ª — Consertar-contar | 15.ª — Pequena-pena |
| 6.ª — Fidalgo-figo | 16.ª — Safira-sara |
| 7.ª — Caderno-cano | 17.ª — Gaveta-gata |
| 8.ª — Avito-alto | 18.ª — Menino-menos |
| 9.ª — Gallinha-ganha | 19.ª — revolver-rever |
| 10.ª — Fundado-fundo | 20.ª — Gatuna-gana |

ALGUNS CONCORRENTES PREMIADOS



PIORRA



N. JOYCE
Nuno Eduardo Joyce



PERDIGOTA DE ENIRE CAMPOS
Maria da Soledade Soares Rodrigues



M. VERDE

As lágrimas da avósinha

(Continuação da página 4)

seus lábios. Judith baixou os olhos, puros e ingênuos, com tristeza, enquanto Gilda mantinha uma atitude soberba.

Subitamente, porém, a pequenita pobre, inclinando-se, a fim de apanhar do chão uma fatia de pão que lhe caíra e que uma vizinha lhe dera para a avósinha, e fitando Gilda, balbuciou com certa altivez, em desafio: — «Tenho, naminha casinha, brilhantes mais bonitos do que os seus! Quere vê-los?»

— Já agora, minha lambisgoia!... Sempre quero ver êsses brilhantes! Algumas lascas de vidro que encontrei talvez, no caixote do lixo».

Judith sem responder àquele insulto, indigno duma menina rica e educada, encaminhou-se para a porta da sua humilde habitação, em cujo interior se encontrava uma velhinha, dos seus setenta anos, muito pobre e entevada.

Gilda seguia-a silenciosamente. Assim que a porta se abriu uma débil voz suspirou:

— E's tu, Judith?»

— «Sou, sim, avósinha! (e, estendendo-lhe a fatia de pão, enlaçou-se ao pescoço da que era duas vezes sua Mãe.)

Então, pelas faces daquela doce velhinha, desluzaram abundantes lágrimas que vieram cair nas formosas mãozinhas de Judith, a qual, dirigindo-se ao limiar da porta, onde, curiosamente, a esperava Gilda, logo exclamou, estendendo-lhe as mãos orvalhadas de pranto:

— «Ei-los; aqui tem os meus brilhantes!»

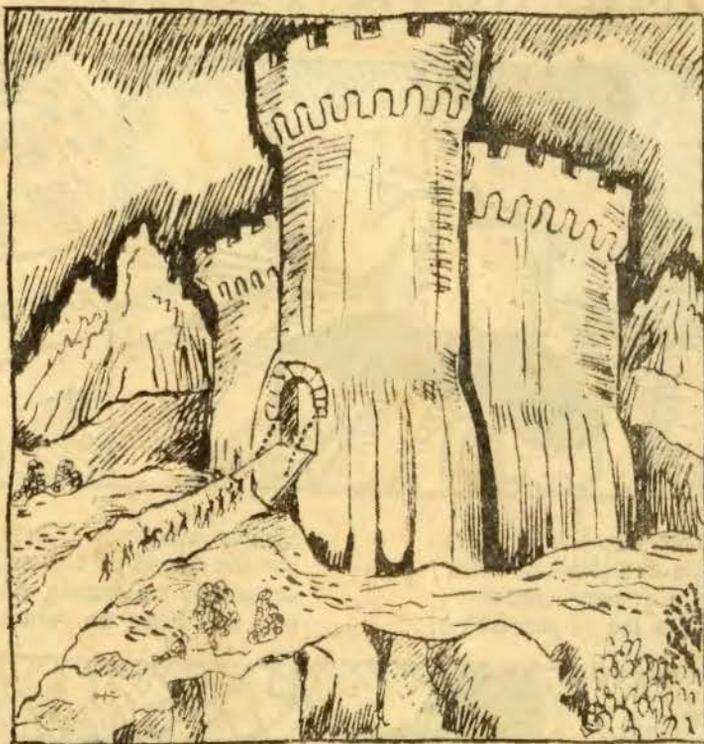
F I M

ADIVINHA



Meus meninos: Vejam se descobrem nestas letras, dispondo-as pela devida ordem, o nome duma grande figura portuguesa.

PARA OS MENINOS COLORIREM



CORRESPONDENCIA



Mário do Carmo Silva ou Maria do Carmo Silva — Faro — Desculpa a demora mas o Concurso rouba-me o tempo todo. Afinal não concorrereste?

Um chi-coração.

Hilario — Évora — A solução das palavras cruzadas pode vir a seguir como costuma vir o questionário.

Estou sempre às tuas ordens.

VOSSO AMIGO

Tio-Tónio

ANEDOTA

Por Moranita

Lili, interessante criança de 4 anos, está na sala onde acaba de entrar uma visita de sua mãe, senhora simpática e elegante, mas que tem o nariz dum comprimento fóra do vulgar.

Lili observa, curiosamente, a senhora que a anima e por fim pergunta:

— A sinóa méce nas gavetas?...

A visita muito intrigada, pergunta, docemente:

— Porquê, meu amor?

— Puque di a mamã que quem méce nas gavetas, fica c'um nariz munto gande!



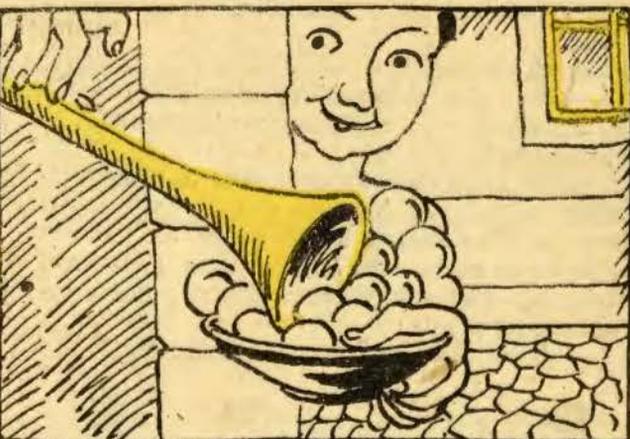
UMA NOVA PARTIDA DE CHIQUINHO



O Chiquinho é um garoto com os hábitos que tem, todo o menino maroto; nunca lhe dá para o Bem.

Sempre a fugir da chibata, por lhe dar só para o mal, de quando em quando, ele mata, com uma fisga, um pardal.

Tem um carro em que se muda da calçada de Belem, para a calçada da Ajuda, sem ajuda de ninguém.



Um verdadeiro diabrete, em casa ou na rua mesmo, com toda a gente se mete; prega partidas a êsmo.

Vendo um músico ambulante, na rua, ao dobrar a esquina, resolveu, no mesmo instante, preparar partida fina.

Desfeito, numa tijela cheia de água, um sabonete, decidiu pregar com ela na bôca do clarinete.



E ao ver os olhos fechar o pobre homem, cada vez que se dispunha a assoprar, se bem pensou, melhor fez!

Então, com deslumbramento da vizinhança, aos montões, saíram do instrumento, em vez de notas, balões.

E, logo, a nova correu de que êle era um grande artista de circo, do Coliseu, notável malabarista!